

Meneguelli e Medeiros preparam a greve geral

por Ricardo Balthazar
de São Paulo

A Central Única dos Trabalhadores (CUT) e a Confederação Geral dos Trabalhadores (CGT) vão começar na próxima segunda-feira a discutir, de forma conjunta, a organização de uma greve geral em protesto contra a provável extinção da Unidade de Referência de Preços (URP) e sua substituição por um mecanismo de reajuste salarial que provoque perdas maiores para os assalariados.

Ontem, o presidente da CUT, Jair Meneguelli, discutiu o problema em um almoço de uma hora e quarenta e cinco minutos com o presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores Metalúrgicos (CNTM), Luiz Antônio de Medeiros. Acertaram um encontro entre Meneguelli e o presidente da CGT, Joaquim dos Santos Andrade, na segunda-feira, e a elaboração de um "plano de lutas" que incluirá outras formas de protesto além da greve geral.

Nos últimos dias, várias categorias de trabalhadores paulistas têm-se mobilizado contra a possibilidade de uma substituição desfavorável da URP. O presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco, Cláudio de Camargo Crê, já realizou cerca de vinte assembleias em fábricas da região e está distribuindo aos operários boletins em defesa da URP.

"Dentro da fábrica, o clima é de guerra", disse à repórter Isabel Nogueira Batista. Francisco Cardoso Filho, dos metalúrgicos de Guarulhos e ligado à CGT, como Crê, tem promovido reuniões em várias categorias. Na próxima semana,

bancários, eletricitários, metalúrgicos e outras categorias farão assembleias em que deverão discutir, entre outros assuntos, a realização da greve.

A dúvida sobre quais medidas serão tomadas pela área econômica do governo nos próximos dias tem dificultado essa mobilização. "O governo é quem vai definir a greve", disse o presidente do Sindicato dos Bancários de São Paulo, Gilmar Carneiro dos Santos. "Se vier arrocho, sem reposição de perdas, vai ter greve", anunciou o presidente do Sindicato dos Metroviários de São Paulo, Carlos Alberto Silva.

A CUT já orientou as suas regionais e os sindicatos filiados a preparar a greve e outras manifestações. Para a direção da central, a realização de uma greve geral de 24 horas não é suficiente e deverá ser acompanhada de negociações com o governo e outras formas de pressão. "Tudo depende do que vier no pacote", diz Carneiro dos Santos, também secretário-geral da CUT — cuja direção nacional se reúne nos próximos dias 24 e 25.

Para o presidente do Sindicato dos Eletricitários de São Paulo, Antônio Rogério Magri, da CGT, a união das duas centrais na organização de uma greve geral será facilitada desta vez por motivos "preponderantemente" econômicos e não políticos. Nas três últimas tentativas de realizar uma greve geral no País (julho de 1983, dezembro de 1986 e agosto de 1987), o movimento não obteve resultados concretos, por falhas de organização ou por causa das divergências políticas entre a CUT e a CGT.